

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St. Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis  
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

### ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre . . . . .	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . .	600 >
Brazil, semestre . . . . .	700 >
Avulso . . . . .	20 >

## Fastos da corôa...

«D'ora avante o governo da provincia de Moçambique, ou o governo de Portugal não poderá tomar nenhuma deliberação com relação ao porto de Lourenço Marques, onde a bandeira portugueza tremula ha mais de quatro seculos, sem que o governo da colonia ingleza do Transvaal esteja de acordo. Isto foi proposto por um estrangeiro a um portuguez e o portuguez concordou».

«D'aqui a dias quando o capitão d'um paquete nacional ou o comandante d'um cruzador portuguez procurar um membro da admnistração superior do porto de Lourenço Marques para queixar-se de qualquer desleixo no serviço ou de qualquer falta de consideração e respeito, será recebido por um funcionario esguio, seco e louro, que lhe dirá: I don't understand portuguese — eu não entendo portuguez!» — *Marinha de Campos.*

### A assistencia publica em Ovar

O «Jornal d'Ovar» e a «A Discussão» n'uma monochromia de critica, que nos encanta, porque nos faz prevêr uma integração de forças importantes para o engrandecimento material e moral d'este pobre burgo até agora votado ao abandono pelos *gros bonnets* da politica, os dois periodicos, dizemos, veem nos seus ultimos numeros inflamados de rubra indignação contra o editorial da «Patria» de 20 do corrente.

O primeiro diz que leu, releu e . . . tresleu. Não comprehendeu o alcance do artigo, nem o justificado egoismo *bairrista*, que elle revela.

Leu-o de mau humor ou em hora de *mucha calma*. Rogamos que o torne a lêr, agora com mais socego de espirito, e verá que n'esse artigo, da responsabilidade pessoal do subscriptor, não se aggride nem censura ninguém e apenas se expõe muito francamente e muito tranquillamente um modo de vêr pessoal, que pôde ser erroneo, mas que seguramente não exclue o respeito pela opinião alheia.

Continuaremos a ter a mesma opinião mesmo contra todas as diatribes, que os dois periodicos cantarem em unisono.

Nós, o que procuramos no nosso despretencioso artigo, foi canalisar para a Misericordia actualmente toda a beneficencia *vareira*, pois d'ella toda precisa, e toda ella é pouca. N'esse sentido mantemo-nos impenitentes. Merece-nos toda a sympathia e compaixão a miseria do Ribatejo, para cujo allivio concorreremos mais do que per-

mittiam os nossos recursos pecuniarios e talvez muito mais do que alguns *maitres chanteurs*, que apregoam um altruismo, que nunca os moveu ou estimulou. Achamos e achamos sympathico o movimento n'esse sentido feito pelos Voluntarios—nem outra coisa, *sans parti pris*, se pôde deprehender do que escrevemos—, mas isso não impede que seja justissimo que se não conservem quêdos e indifferentes perante a miseria de casa, que não veio com estrondo, mas não é menos real. Quizemos sobretudo com o nosso artigo evitar que na emergencia e para o futuro se parcellisem as forças beneficentes, resultando insufficientes para todos, ao passo que concorrentes no mesmo ponto levarão á implantação da obra hospitalar, a mais urgente, a mais util e a mais necessaria; quizemos evitar *especialmente* que o producto da excursão, que porventura se levasse a effeito, revertesse para a Misericordia, porque a Associação dos Voluntarios, não precisando, estava nos casos de fazer a cedencia. E tudo isto, porque a bolsa dos nossos patricios não é inexgotavel, nem pôde subvencionar ao mesmo tempo todos os ramos de beneficencia.

E sobre isto levantou-se uma celeuma e produziu-se um sarapatel de prosa parda, muito peculiar em quem não tem habitos de combater de *viscira erguida* e se regosija radicadamente em *toupear* a intriga.

Não regateamos—o que nem todos têm feito—á Comissão Executiva da Misericordia os louvores, que lhe competem pelos esforços, que tem empregado para o bom desempenho do seu mandato, mas isso não quer dizer que julgemos os seus estorços bastantes e não devam ser accrescidos com outros quaesquer de iniciativa extra-

na, *individual ou collectiva*, porque a obra é sufficientemente grande, para que n'ella possam trabalhar á vontade todos os obreiros do bem. Que de resto —cremol-o bem—seria esse o maior prazer da propria Commissão.

Fique então entendido que o articulista de «A Patria»—e não «A Patria», que não tem responsabilidade alguma na doutrina do artigo e na local simplesmente se referiu á excursão — continua convencido que a Associação dos Bombeiros Voluntarios deve expontaneamente e por conta propria promover o que estiver ao seu alcance para augmentar os fundos para a Misericordia. Hão-de concordar commigo, que é bem pouco existir para fazer duas ou tres sahdas por anno, havendo tanto em que exercer a sua acção humanitaria.

Isto não significa a menor má vontade contra a Associação, pelo contrario mostra o desejo de a vêr seriamente empenhada em ajudar a levantar isto; cremos mesmo que estimamos mais o seu progredimento do que muitos pseudo-paladinos, que na pratica a votam ao abandono e a deixam mergulhar no marasmo e na rotina.

\* \* \*

Outro tocado da santa indignação é «A Discussão» que espontaneamente ou por *vis suggestivo* decalca o mesmo assumpto e taxa-nos de incoherentes!!! Tem graça! Realmente a nossa linha de conducta tem sido a mais tortuosa; a nossa vida publica, as nossas ideias politicas e sociaes têm soffrido verdadeiras apostasias, temos sido uns *cata-ventos*, ora *carne*, ora *peixe*, outras vezes nem *carne nem peixe*, á espera de

ser uma outra coisa *conforme convier!*

.....  
.....  
O resto está respondido.

\* \* \*  
O João Vareiro é nado e creado n'esta villa.

Affligem-n'o os vicios e erros, de que enferma este infeliz concelho e com elles se vexa perante os extranhos; lastima e envergonha-se do atrazo material e moral d'este grande povoado, graças a todas as admnistrações locaes!

Enoja-o e avilta-o a immundicie, que atapeta as ruas e encharca as valetas, onde parece retouçar-se com prazer a oligarchia dominante, e ruborisa-se de vergonha e raiva pelos aleijões estheticos dos alinhamentos das casas urbanas, para que todas as camaras tem concorrido!

Repugna-lhe a falta de acao e limpeza, que existe por toda a parte, e doe-lhe que se não aproveitem todos os redditos camararios para com elles se beneficiarem os municipales!

Acha um crime de lesa-saude a *pocilga* do matadouro e um attentado ao progresso e civilização o estado dos nossos pseudo-mercados!

Infunde-lhe tristeza que Ovar não esteja na altura que lhe compete pela sua grandeza e riqueza; desalenta-o a nenhuma tendencia que isto leva para o resurgimento.

Perante os de casa insurje-se contra este estado de coisas a vêr se os estimula; perante os apodos dos de fóra, aliás justissimos, corrido de vergonha, protesta e defende o seu rincão!

Creio que isto é ser bem mais *vareiro* do que aquelles que concorrem activamente, ou concorreram, para a conservação d'este pessimo viver colle-

ctivo e porisso me assigno sem remorsos

João Vareiro.

### EXTREMA ESQUERDA...

Pireneus alem dá-se esse nome, em politica, aos agrupamentos partidaristas de acentuado cunho radicalista, entre nós, como a gralha, enfeitou-se da plumagem do titulo a dissidencia progressista. Alpoim, seu pontifice, sempre que a ocasião o consente, tenoriza a voz em himnarios á liberdade, o «Dia», seu porta voz jornalístico, não perde nunca o momento para se dizer liberal, para se jurar re-formista. Programa com soluções concretas, claramente inofismaveis, jenuinamente democraticas, á dissidencia não temos a fortuna de lho ter visto. Ha umas afirmações sobre lei eleitoral e um cartismo innocolasta condicional, e, afora isso, ainda assim imprecizo, o que tem de falluado e vistozo é o papagaio discursista do pontifice. Com isso, que não se pode chamar seguro, tem esse grupo politico atroado o mundo ha uns trez anos. Graxa no Zé povinho quando a coroa lhe mostra a tranca á janela, requebros e beijões á croia quando a persiana discretamente lhe mostra o cú do cadeirame governamental... Pão de dois bicos, bifrontismo, duas caras—e eis tudo. Hontem berrava que um adiamento das cortes equivaleria uma provocação e um insulto da corôa, porque a favor de José Luciano, se estabeleceria; hoje, que a seu jeito se exerce, o adiamento é um mal necessario, etc., e tal, o amfiguri dos que entalam o rabo e o puxam baldadamente. José Luciano, José Luciano; eis o quadrante politico que prezide aos fastos da dissidencia. Toda a imoralidade a favor e em proveito d'esse soberano é o fim do mundo de guerra e pancadaria, a mesma porquissima coisa, jizada sem o choco navegantino podem comel-a as virjens que lhes não enche a barriga. Programas, programas—ai que ricol... Programas é governar, é, por sua vez, pôr a meza e saborear os *ménus*. A dissidencia sente-se á porta, por isso folga; e já amacia as aretas do seu jenio *frondeur, populacier*. Vê-se com o «direito sagrado» de governo sêr, embora haja de entrar

ás piruetas jenuflectorias, e no atrio se venha a limpar da poeira da praça publica. Houve por ahí pateta (muito boa fé ha neste paiz, dizia o cesáreo Oliveira Martins) que á dissidência grudou as suas aspirações, seus sonhos de volta na monarchia. Republicanos, mesmo, não se desquitavam de depositar fé no talismânico radicalismo:—este agora é que tem de sér...

Pela nossa banda, com desvanecimento o escrevinhamos, Alpoim nunca nos logrou. Fizemos-lhe sempre a justiça de o considerarmos um monarchico cheio de sofreguidão, ambicioso, com uma unica mira—o governo. Sabiamos-lhe, sem os esquecer, os antecedentes... a traição da cu-li-ga-ção, as suas politiquerias como ministro, não se nos apagara o dito, com arrebanho e calor, de não sér toleravel á monarchia que os eleitores republicanos elejessem deputados seus parciais. De resto, quem não conhece, sequer ao menos de tradição, o manteigueiro antipatico que é o chefe dissidente de todo o poder—corôa ou povo?... A psicologia da dissidencia não é preciso chamar-se o Spencer para a estabelecer livre de erros. Qualquer pobre de nós a acerta:—é puro e simples oportunismo. O rei acena-lhe com a probabilidade do seu favor e logo a pele se lhe torna veludo de conselheiro de estado; o rei esquiva-se, a monarchia dá-lhes a proscrição da suspeita, e eil-a com azedumes que levedaram em veneno e fel hebertista. Para nós o partido dissidente nunca passou de mistificação, os seus dentistas nem sequer eram originaes, as suas audacias nem ao menos eram novidade. Ha cincoenta años para cá tem-se posto em cena, com vario exito, a mesma peça que Alpoim tem representado e que é já hoje um dramalhão... suranné. Não sirvas dois años ao mesmo tempo, avisa o senso comum dos adajios: quer dizer, não seas dissidente á letra do que has jurado, porque essa dissidencia é o irrealizavel. Indo ao poder acaba de vez no funambulismo de uma aventura ditatorial, rancorosa; fazendo quarto de sentinela no monte das ostras oposicionistas falece inane, petrificada. Está perdida, e sem remedio possivel, dentro da structura que se marcou, e nada se perde com isso, desde que os valores que ainda a sustentam se salvem para a conveniencia e para o interesse comum nacional e supremo. O que nos dá, já hoje, com o seu ilojismo e duplicidade ás marradas na linha recta é um desagradavel e repugnante espectáculo. Quer manter-se, vê-se o esforço para a continuidade da retidão, mas foje-lhe o lódo em que assenta e vae-se enterrando, vae perdendo a direitura, a firmeza. E tudo isto porque nos seus ocios de desterrada a dissidencia ainda recorda as boas eras das vacas gordas, o antigo mel do poder. Tudo isto contra o espirito de patriotismo e dignidade, que, nobremente, a impulsionou a lucta viva contra a tirania carlo-franquista!

E' morrer sem grandeza de animo, é finalizar sujamente. Pois para alanos dos seus homens, realmente,—é pena.

Antonio Valente.

lei é relegado ao Supremo Tribunal, que funcionará em sessão compacta.

Remodelação da lei de 13 de fevereiro é já liberalismo de furta cões.

A lei de 13 de fevereiro—anulada, ou então deixem-a o que é—para a não tornarem peor.

Extinção do juizo de instrução criminal, está bem, mas não passará de projeto; reforma da lei de imprensa quer dizer: contra a imprensa... uma novissima lei de excepção.

Organização da instrução criminal, e tal e coizas... O que é necessidade urgente é reformar, completamente, toda a nossa organização e conceção da justiça. O que existe em penalidade, em processo de julgamento, em função da justiça, é uma vergonha, é uma calamidade, é monstruoso. Serve para tudo menos honrar a Themis classica do grego, e menos ainda para defensão do desprotejido, do oprimido, do pobre. Poderia o sr. Medeiros fazer o que competencia, diz-se, lhe não falta, nem boa vontade, consta, lhe não mingua. Mas na caverna de caco em que, desgraçadamente, caiu será desaproveitado, anulado será o seu esforço. E não nos digam que não...

Gosando

Almoçaram, no sabado, na legação de Hespanha os infantes D. Carlos de Bourbon e Luiza Orleans, casal illustre de nulidades perfeitas. Andam na boémia de um intermino divertimento porque tiveram a fortuna de nascerem com sangue azul, e porque são na, ironia placida de João de Deus, «pessoas de altissima linhagem». Apostamos, porém, em que o infante nem para moço de fretes serviria, e iamos, também, jurar que a infanteza nem ao menos sabe frir uns ovos. As altas linhagens tornam as pessoas absolutamente inúteis, o que não quer dizer que aos olhos do mundanismo esses belots, sem valia, não dêem o sol e a chuva. O córneo mundo!...

A Havas

Ajencia de petarolas e de blufs lá trazia a sensation de se haver curado em Paris um tal sr. Silva Graça, proprietario de «O Seculo».

A grande couza, a importante noticia... Como se prestasse para o que quer que fosse um insignificante que explora a industria jornalística, um sem criterio que, com exito, tornou o jornal uma mina de ouro. Que se curou o sujeito. Pois o mundo, na sua alta acção, que tem que vér com a noticia, que interesse pela occorrença?...

Felizmente

«O Papa em consequencia de fadiga foi obrigado a guardar absoluto repouso. O seu estado não inspira inquietação». Verdade, verdade—muito estimamos. Pio X é um ratão de uma inabilidade palmar, cuja existencia é precioza, utilissima ao livre pensamento. Nosso Senhor o conserve para descredito do carcomido catolicismo, lhe dê muitos años de vida e muita disposição para enciclicas... mortuarias. Da sua acção dissolvente fiamos mais que da tenacidade suspeita de muitos livre-pensadores, por isso a vida do Papa representa, para nós outros—capital preciozo, capital raro. Deus lhe conserve.

O Conde

Diz a «Epoca» órgão do chefe sem partidarios, sobre as nomeações de governadores civis:

«Faro e Vizeu teem dado que fazer; mas muito mais está custando o cazo de Aveiro».

«O sr. conde de Agueda não são nem á facada, e o blóco não o deixa lá nem a tiro!»

«E vae então, que faz o sr. Wenceslau? Blóca ou desblóca?»

Toda a politica monarchista é isto só—o poleiro. O novo minis-

terio foi por todos os grupos admiravelmente bem recebido, o grande Elias, o grande Elias! porque todos os grupos o que lhe querem é apanhar as mercês.

Este cazo de Aveiro é tipico, é structural como monarchismo. Dissidentes e rejenneradores querem governo civil seu (pois que isto é realmente d'elles); progressistas, pelo mesmo motivo e pelo mesmo direito, (só d'elles é que isto é) para si o querem também. O cazo sobe a proporções de epopêa e hade dar que entender. Ai o sr. conde... que pena se começa o declive, a descida!

Moda portugueza

Se o parlamento do imperio alemão não votar os encargos orçamentarios para a armada será dissolvido, tal a noticia correndo mundo. Pode sér, para cavar mais um pouco o periclitante prestijio d'esse fatuo emplumachado, o teatral Kaiser Guilherme. Porém não será sem perigos para o imperio de direito divino, visto como, na Alemanha, ainda não é praxe total o capachismo dos luzos. E, d'ahi, talvez tudo corra pacatamente, estendendo-se o figurino portuguez não só até á dissolução das cõrtes como, também, á paciencia e acalmia com que o povinho as aguenta. Vimos a fazer escola—não ha que vér...

Mons parturiens

Na Inglaterra vae um alarme medonho com o pavor dos balões alemães. Alucinações ou vinhaça, o inglez sofre d'isso, teem feito vizões pasmozas n'aquelle paiz de brumas.

Cavalheiros juram ter visto balões fantasmas tirando plantas, jizando planos; e um nervozismo de medo corre a espinha dorsal da decadente baleia. Porque está na faze da decadencia, de que os seus sustos exagerados são um rebate, uma preadivinhação, essa moderna cartago que a pirateria fez grande. E largas contas deve ela aos povos, do que lhes roubou, do que lhes escamoteou traiçoeiramente. Hade pagar como nós pagamos, como pagou o cartajinez, como pagou o romano. E' dos livros e da justiça.

Encalhe

«A Monarquia Nova», papeleta que tinha o cargo de dar lustro á corôa radioza, suspendeu ha pouco a publicação. Está Lisboa cheia de dedicacões monarchistas, todo o paiz, estás a vér, freme de amor pelo novo rei, e comtudo aspera e grave verdade, a imprensa que faz de Cavaleiro da Triste Figura do novo Arthus á falta de assinantes, á falta de jornalistas, á falta de leitores, morre de anemia total. Em anuncios «A Monarquia Nova» apela para os piedozos dez reininhos dos amigos, mas não ha que vér encalhada, mal se safará da rascada. Que não seja o cazo prenuncio, ou que, ao menos, no paço não tomem o vaticinio á conta de má agoiro...

Dr. Pedro Chaves

O azaco brutal de um desastre roubou aos disvelos e aos carinhos de pae um filhinho estremecido d'este nosso bom e bemquerido amigo. Avaliamos o que terá sofrido, pois que conhecemos ao Dr. Chaves um grande e nobre amor pelos seus, e sabendo a dôr que o alancea sinceramente lhe expressamos o nosso desgosto e o nosso sentimento.

ARA

Hora Suprema

Daria de bom grado trinta ou quarenta dias do futuro, se o podesse fazer, para, moço outra vez, do meu passado, injenuo, crente e puro, trez horas, trez sómente, reviver.

Na primeira das trez, aquela revivera, azul, celeste, em que, rosea de peijo, com infantil, quebrada timidéz, suavissima me dêste, sob as magnolias, o primeiro beijo.

Ao chegar da segunda, que ponto no passado evanescente tomára eu por mira? Sentindo uma emoção doce e profunda, extasiadamente, da primeira as doçuras repetira.

Cavamente sonora, soaria a terceira: tudo em pó se desfaz, de fugida... e eu sempre a reviver a mesma hora, que, sendo uma hora só, tem sido, é e será toda uma vida!

Eugenio de Castro.

Ainda a dissolução da troupe (1)

Ora graças a Deus! Até que veio a publico a causa do amuo; a perice dos amadores foi devida á falta de festinhas e palmas.

Quando eu era creança—com que saudade recordo esse tempo; não conhecia os homens nem as suas manhas—dava louvores a Deus em não apanhar surras, quando comettia qualquer tropelia, e, se, tolhido de mimo, queria festinhas, fazia por as merecer, agradando aos papás e ás visitas. Se as não recebia, porém, calava-me convencido de que não tinha agradado e suspeitoso de ter feito tolice.

Ora a falta de applausos e cumprimentos de que se queixa a troupe e que attribue a dois espectadores deve ser chalaça para rir e arir a tomo, pois, pela parte que me toca, não posso consentir a serio em que me alçapremem á cathogoria de arbitro das manifestações da plateia ovensere. Se a plateia se conservou fria foi talvez devido ao tempo; eu, declaro-o sem querer agradecimento, assisti a todo o espectáculo e palmei mais do que me pedia o meu temperamento pouco expansivo. Mas deixemos a parte jocosa e entremos no dominio dos factos com a sincera vontade de achar razão á troupe, e desfazermo-nos em desculpas, se por acaso involuntariamente a tivermos aggravado.

A questão tornou-se pessoal, circumscrevendo-se a dois individuos, e por isso sinto-me á vontade para tratar o assumpto, pois até agora me doia vér n'isto envolvida a Misericordia. Está o caso reduzido ás devidas proporções, e sahiu do dominio do mysterio, que avulta sempre o que muitas vezes não passa de uma insignificancia.

Não quero passar adeante sem felicitar os meus presados collegas da Commissão Executiva, que foram isentos das iras da troupe, e lastimar não ter uns olhos tão lindos como elles, pois deve ter sido pelos seus lindos olhos, que fõram absolvidos. Posto isto, vamos aos factos:

1.º—Ter a Commissão Executiva sollicitado os espectaculos do Carnaval. E' falso. Foram espontaneamente offerecidos, o que torna o beneficio mais sympathico.

2.º—Fiscalização e orchestra para estes espectaculos, arranjadas pela commissão. E' verdade, porque assim lhe foi expressamente pedido.

3.º—Offerecimento do espectáculo da Paschoa e incumbencia de arranjar orchestra. Foi verdade e a Commissão cumpriu integralmente.

4.º—Fiscalização do mesmo espectáculo. E' falso que n'esse sentido fosse feito qualquer pedido á Commissão ou a qualquer dos seus membros.

No Carnaval foi feita a pedido da troupe e não voluntariamente, salvo se com este adverbio querem dizer, que foi feita da melhor vontade, mas eu concedo e concordo muito lealmente, em que a troupe estivesse na convicção de que ella nos pertencia.

Quando se convenceu do contrario, antes de malsinar o acto, e se havia boa-fé, podia interrogar por escripto ou na pessoa d'alguns dos seus membros, que a isso se quizesse prestar, a Commissão sobre o assumpto.

Podia servir para isso o ex.º sr. dr. Descalço, com quem estavam a todas as horas e que de certo se não recusaria. E teve tempo, porque o assumpto foi ventilado com azedume dias antes do espectáculo—pelo menos dois—e não na vespera á tarde.

5.º—Interpellação de dois membros da Commissão por um amator sobre a fiscalização.

E' redondamente falso, que algum membro da troupe se me dirigisse para o assumpto.

E quando assim fosse eu estava no meu direito de me não encarregar d'elle, nem tinha competencia para reunir a Commissão.

Pelo contrario, se alguém devia estar melindrado na questão, era eu pelo modo como m'a fizeram conhecer. Na vespera do espectáculo de tarde—e não á noite—estando o sr. Angelo Lima connigo e com outros cavalheiros na loja do sr. Alves e passando o sr. Antonio Augusto Liz, sahiu aquelle a fallar em particular com este, apóz o que reentrou, começando a fallar jocosa e ironicamente no assumpto sem se me dirigir. Eu que aborreo o modo indirecto e percebi que aquillo era para eu ouvir, perguntei ao sr. Angelo se queria discutir o assumpto, sendo-me respondido negativamente. Todas as pessoas presentes testemunham a veracidade do que affirmo. D'onde se vê que, a haver alguém aggravado, era eu.

6.º—Pretensão gracejo á porta do theatro. E' isto um caso de lana caprina, que eu desejo desfazer, porque sempre achei injusto e violento, que tivesse de fiscalisar qualquer dos cavalheiros, que entravam a representar e por isso era incapaz de troçar o caso. E' facil, a quem tem opinião preconcebida, falsear o verdadeiro sentido das coizas, e assim deve ter succedido a quem muito justamente estava arreliado por ter de fazer tal serviço. Ao entrar no theatro dividi o bilhete e, entregando ao Laureano, se me não enganou, uma parte, disse muito naturalmente: «acho que é essa». O «v. ex.º» sabe bem o que é? foi-me retorquido pelo Laureano, affirma-o categoricamente. Se houvesse da minha parte qualquer intenção reservada, não cortaria o bilhete, deixando esse trabalho ao fiscal.

7.º—Recommendação do ex.º Presidente da Commissão para se fazer a fiscalização.

E' absolutamente falso que usasse a expressão «tratem cá d'isso» ou outra qualquer, que significasse desejo de que se fizesse a fiscalização, pois estava e está ainda na inabalavel convicção de que ella não competia á Commissão.

Por ultimo devo dizer, que meia hora antes do espectáculo se arranja com facilidade uma boa fiscalização.

CONCLUSÃO

Vê-se do que fica exposto que a troupe tomou a nuvem por Juno, e usamos esta expressão, porque ainda estamos convencidos, que ao seu procedimento presidiu a boa-fé pelo menos da maioria.

Pouco fica de pé do que affirmaram, mas pôde-se conceder-lhe tudo, que ainda assim se é levado a concluir contra a peregrina resolução da dissolvenca.

Dois individuos por má vontade, preguiça ou o que quizerem, negaram-se a fazer a fiscalização do theatro, a ferir as mãos com palmas e a ir aos camarins entrevistar-se com os actores, logo a troupe dissolve-se, logo o beneficio muda de valor e a Misericordia deixa de ser util e necessaria. Já viram conclusão mais desarrazoada?

Porque de duas uma: ou os dois individuos obraram por conta propria é então pessoalmente, que se lhe tomam contas do delicto, ou co-

ECHOS DA SEMANA

A' americana

De um reclamo nos jornaes ao titular da pasta da justiça:

«Lisboa, 22 — Consta que o sr. ministro da justiça tem adiantados os trabalhos sobre as propostas que tenciona apresentar ao parlamento, as quaes se referem á remodelação da lei de 13 de fevereiro; extinção do juizo de instrução; organização da instrução criminal, cujo desempenho será confiado a juizes funcionando junto dos diversos districtos criminaes; e reforma da lei de imprensa.

Além d'estas apresentará em primeiro lugar a lei referente á responsabilidade ministerial, segundo a qual o julgamento dos ministros incursos em penalidades consignadas na

mo membros da Comissão Executiva e é então perante esta, que se accusam.

E não devia haver receio de levar a questão perante este tribunal, pois lá presumia ter a *troupe*, uma maioria favorável e illibada.

Mas a Comissão Executiva negava-se a censurar ou expulsar os energúmenos, ha amadores, que têm voz na Comissão Preparatoria e ali poderiam formular claramente, francamente, cruelmente até, as suas accusações.

A Comissão Preparatoria, convencida da justiça das accusações, retiraria, se o julgasse necessario, o mandato a quem o não sabia desempenhar, nomeando outra Executiva, e todos, *troupe* e nova Comissão, seguiriam intertemeramente no caminho da Caridade.

Esta é que era a logica, esta é que seria a resolução acertada. Pois póde porventura admittir-se o prejuizo de uma Instituição, de mais a mais de beneficencia, por causa de cinco homens, dos quaes dois são máus?

De modo nenhum; removam-se os homens, e salve-se a obra.

Mas todas estas coisas têm falta de logica, porque o ultimo espectáculo seria um pretexto infeliz para uma resolução, cuja causa seria o cansaço de uns e o declinar da *estrella* d'outros.

Ovar, 25-5-909.

**Domingos Lopes Fidalgo.**

(\*) A responsabilidade d'este artigo é exclusivamente minha, visto que infelizmente não pude trocar impressões sobre o assumpto com o outro cavalheiro visado.

Fidalgo.

Enviem-nos a seguinte carta:

Ex.<sup>mo</sup> Snr. redactor do jornal «A Patria»:

Rogamos a V. Ex.<sup>a</sup> a fineza de inserir no seu conceituado jornal a inclusa declaração, cuja publicidade nos é imposta pela propria dignidade.

Os abaixo assignados, tendo dissolvido a *troupe* d'amadores dramaticos d'esta villa, por elles actualmente formada, sem que quizessem tornar publicos os motivos de tal resolução, vêm-se na imperiosa necessidade de lhes dar publicidade em vista da carta do ex.<sup>mo</sup> dr. Domingos Lopes Fidalgo, publicada em quatro jornaes da localidade.

Os signatarios foram solicitados pela ex.<sup>ma</sup> Comissão Executiva da Misericordia a dar no Carnaval dois espectaculos em beneficio d'essa futura instituição. Acce-deram gostosamente a esse pedido e, embora com bastante dificuldade em razão da exiguidade de tempo, conseguiram ensaiar, bem ou mal, esses dois espectaculos. Comunicaram a resolução á mesma ex.<sup>ma</sup> Comissão, a quem entregaram a escolha d'orchestra, preço dos bilhetes, fiscalisação da casa, em summa—a completa auctoridade sobre as récitas.

Com o maior empenho e a mais completa solicitude tratou a ex.<sup>ma</sup> Comissão de todos esses serviços, tomando verdadeiro interesse pelos espectaculos. No decurso d'estes promoveu manifestações d'agrado aos amadores, aliás immercedas, foi cumprimental-os aos camarins e actos houve em que alguns dos seus membros estiveram entre bastidores.

Finalmente encheram os amadores de gentilezas e amabilidades taes, que assás os penhoraram e até confundiram.

Os signatarios, assim lisongeados e que entre si tinham resolvido auxiliar a Misericordia, tanto quanto podessem e lh'o pedia a sua vontade de bemfazer, pactuaram logo dar outro espectáculo na Paschoa, a favor d'aquella prestante instituição.

Em tempo opportuno communicaram á ex.<sup>ma</sup> Comissão esta sua deliberação e pediram-lhe para lhes dar indicação da orchestra que ao espectáculo devia assistir, pois partiram semp.e do principio, e nem o contrario se presumia, de que esta se incumbiria dos mesmos serviços, de que voluntariamente se encarregara no Carnaval, sendo-lhes em verdade communicado qual a orchestra que faria o espectáculo.

Perfeitamente. Chega o dia da récita; quasi á noite, os amadores têm conhecimento de que não havia quem fiscalisasse o ingresso no theatro. Começa o desanimo da *troupe*.

Um dos seus vogaes falla n'isto aos ex.<sup>mos</sup> membros da Comissão —drs. Chaves e Fidalgo—e ambos responderam—«nada ter com isso».

Augmenta o desanimo da *troupe*. Chegada a hora do espectáculo, os signatarios vêm-se na necessidade de fazer, por si proprios e creados seus, a fiscalisação da casa.

N'esta altura começam a vêr proposito no abandono, sem saber a que attribui-o.

Principia o espectáculo no meio da maior frieza e desconsolo por parte dos amadores, que no seu decurso adquirem a certeza absoluta de tal proposito. Ao contrario do que succedera nos espectaculos do Carnaval, os ex.<sup>mos</sup> drs. Chaves e Fidalgo, vogaes da Comissão, presentes no theatro, não appareceram nos camarins uma unica vez, não promoveram qualquer manifestação d'agrado como donos da casa, embora não fosse merecida, antes, durante o espectáculo, o primeiro chamoulhe *massada* e perguntou a varias pessoas se não tinham jornaes para elle ler; e o segundo, ao entregar uma das partes do bilhete ao amator que fazia de porteiro, disse:—«creio ser isto que se entrega», ao que aquelle lhe tornou: «v. ex.<sup>a</sup> sabe bem o que é».

Estabelecido assim o confronto entre os espectaculos do Carnaval e o da Paschoa, os signatarios, profundamente desgostosos, resolveram logo, unanimemente, não tornar a repetir espectaculos para a Misericordia, visto resultar d'elles, assim descurados e deitados á margem, quasi nullo beneficio para a futura instituição.

Passados dias, é a *troupe* d'amadores convocada, a convite d'um dos seus membros, no desempenho da missão que lhe fora commetida por uma illustre dama d'esta villa, para dar um espectáculo a beneficio da misericordia.

Luctou com grandes dificuldades, pois, não querendo recusar-se ao pedido d'uma senhora, não desejava trahir o firme proposito de não mais dar beneficios, para soffrer desgostos.

Dissolveu-se então. Eis aqui a historia clara e exacta, trazida a publico por necessidade de justificação.

Cumpre-nos declarar que o ex.<sup>mo</sup> presidente da Comissão Executiva se auzentou d'esta villa, por necessidade, antes do dia do espectáculo, constando-nos que ao partir dissera: «tratem cá d'isso»; o vogal ex.<sup>mo</sup> Frederico Abragão, não esteve no theatro por motivo de luto, e o vogal ex.<sup>mo</sup> dr. Descalço esteve todo o espectáculo, entre scenas, auxiliando os amadores, como era seu antigo costume.

Ovar, 21 de maio de 1909.

Abel Augusto de Souza e Pinho.  
Angelo Zagallo de Lima.  
Antonio Augusto Freire de Liz.  
Antonio dos Santos Sobreira.  
Delfim José Rodrigues Braga.  
João Maria Lopes.  
Manoel Augusto Nunes Branco.

## SUBSCRIÇÃO

Para as vitimas da catastrophe ribatejana

«A Patria» solidariesando-se com o sentimento nacional pela catastrophe de Beavente, Salvaterra e outras povoações, abre nas suas colunas uma subscrição a favor das vitimas da horrorosa desgraça, apelando para a justa piedade dos ovaenses. Fica assim aberta a subscrição:

Transporte . . . . . 25\$200  
Anonymo . . . . . 200  
25\$400

Por um anonymo nos foi entregue tambem 17 camisas de linho para homem e 1 toalha tambem de linho.

## NOTICIARIO

### Dia a Dia

Acompanhado de sua filha sr.<sup>a</sup> D. Anna Sommer, esteve n'esta villa, onde veio assistir ao consorcio de sua sobrinha sr.<sup>a</sup> D. Maria Amelia Cardoso, o considerado commerciante da praça de Lisboa, sr. Henrique Oliveira Sommer, o qual já regressou áquella cidade.

—D'esta villa, aonde tambem veio com o mesmo fim, regressou segunda-feira a Coimbra o distincto academico e nosso amigo Anthero Cardoso.

—Partiu no dia 22 para a Curia, afim de fazer uso das respectivas aguas, o nosso amigo José Luiz da Silva Cerveira.

—Depois d'uma demora d'algumas semanas, regressou segunda-feira do Porto a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Julia Huet.

### Desastre mortal

Victima d'um lamentavel desastre, succumbiu na passada sexta-feira, 21 do corrente, o menino Eduardo, galante filhinho do nosso bom amigo ex.<sup>mo</sup> dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

A morte da infeliz creança foi causada por uma queda que soffreu na rua do Cruzeiro da Ribeira, quando regressava a casa n'um carro de bois, vindo da Quinta do Corgo, pelas 6 horas da tarde.

Apezar de todos os esforços empregados pela sciencia, o desventurado Eduardinho exhalava o ultimo alento ás 10 horas da noite, deixando immersos na mais profunda e dilacerante dôr os seus extremosissimos paes e ex.<sup>ma</sup> familia.

O funeral, que teve uma assistencia numerosa e selecta, realisou-se no dia immediato pelas 6 horas da tarde, sahindo o prestito da Capella de Santa Catharina.

O fereto era conduzido sobre a carreta dos bombeiros voluntarios, coberta de damasco branco e ladeada por meninos da escola official Conde de Ferreira, levando uns as borlas do caixão e outros varios *bouquets*, corôas e ramos de flores naturaes. Os alumnos subsidiados pela Comissão de Beneficencia Escolar d'esta freguezia, de que é digno presidente o sr. dr. Chaves, seguiam atraz do feretro devidamente uniformizados.

Fechavam o cortejo os snrs. João Maria Lopes, representando a Comissão de Beneficencia Escolar, José de Castro Sequeira Vidal, digno sub-inspector de instrução primaria, dr. Alberto d'Oliveira e Cunha, parcho da freguezia, com a toalha, dr. Lopes Fidalgo, com a chave

do caixão e Freire de Liz e Carminho Lamy com *bouquets* da familia.

Das escadas da igreja ao jazigo da familia Aralla, onde ficou depositado o fereto, organisaram-se quatro turnos, tomando ás borlas do caixão. a saber: 1.<sup>o</sup>—da carreta para a igreja, os snrs. dr. João Maria Lopes, James Searle, João José Alves Cerqueira e José de Castro Sequeira Vidal; 2.<sup>o</sup>—da igreja á porta do cemiterio, os snrs. Frederico Ernesto Camarinha Abragão, Amadeu Soares Lopes, Delphim Braga e Carlos Malaquias; 3.<sup>o</sup>—da porta do cemiterio até á entrada do jazigo, Major Anthero de Magalhães, James Searle, Celestino Soares d'Almeida e Abel Augusto de Souza e Pinho; e o 4.<sup>o</sup>, que depositou o cadaver no jazigo, foi constituido pelos quatro meninos do caixão durante o trajecto em que este veio na carreta.

Entre as varias corôas e *bouquets* offerecidos, vimos: um *bouquet* de jacinthos, verbenas e rosas, com a dedicatória «Ultimo beijo de sua avó»; outro de myosotis, rosas e lyrios—«Eterna saudade e ultimo adeus de sua madrinha»; um grande ramo de myosotis, verbenas e rosas de chá com fitas brancas, com a dedicatória «Ao innocente Eduardo, a Comissão de Beneficencia Escolar d'Ovar»; um *bouquet* de myosotis, lilazes, verbena e rosas—«Ultimo beijo de seu amigo L. Lopes»; um *bouquet* de verbenas e glicinias—«Ultima homenagem de suas creadas Margarida e Maria»; uma corôa de myosotis, jacinthos verbenas, rosas e violetas—«Ao Eduardinho-saudosa recordação de sua ama»; e outra corôa de verbenas, lilazes, rosas e violetas—«Ao Eduardinho-ultimo adeus dos alumnos da escola Conde de Ferreira, subsidiados pela Comissão de Beneficencia Escolar».

Lamentando o fatal desastre e associando-nos á dôr que punge a illustre familia da inditosa creança, apresentamos aos desolados paes a expressão sincera do nosso profundo pesar.

### Incendio

Ante-hontem, pelas 3 horas e meia da tarde manifestou-se incendio n'um armazem da rua dos Ferradores, pertencente a João da Silva, o Paula. O modesto predio, que estava cheio de palha e lenha, ardeu por completo.

Compareceram os bombeiros voluntarios com a bomba n.<sup>o</sup> 1 e carro de material, trabalhando na extinção do fogo com duas agulhetas.

Ignora-se a origem do incendio.

### Enlace

Na igreja parochial realisou-se no dia 22, pelas 11 horas da manhã, o enlace matrimonial do nosso amigo sr. Antonio Valente Compadre, digno recebedor d'este concelho, com a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Amelia Araujo d'Oliveira Cardoso, dedicada filha da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Araujo d'Oliveira Cardoso.

Ao acto, que revestiu uma solemnidade desusada n'esta terra, assistiram a familia e alguns convidados de maior intimidade, sendo em seguida servido em casa da noiva um delicioso copo d'agua fornecido pela acreditada confeitaria Oliveira, do Porto.

Os noivos partiram á tarde para a Figueira da Foz, tencionando percorrer Caldas da Rainha, Batalha, Leiria, Lisboa e Coimbra.

Na *corbeille* dos noivos viam-se lindas e valiosas prendas.

Aos sympathicos noivos appetecemos um risonho porvir.

### Romaria

Realisa-se no proximo domingo e segunda-feira no logar de S. Donato a romaria da Senhora da Ajuda, que costuma ser numerosamente concorrida pelas familias d'esta villa.

No domingo ha festival nocturno com vistosas illuminações e fogo

d'artificio, fazendo-se ouvir até ás duas horas da madrugada duas bandas de musica, e na segunda-feira de manhã missa cantada a grande instrumental, sermão e procissão e de tarde arraial, fazendo-se ouvir as mesmas musicas.

### Misericordia d'Ovar

Transporte R\$. . 7:459\$060

José Maria Pereira Carvalho . . . . .	1\$000
José da Silva Ribeiro . . . . .	5\$000
José Ferreira Regalado . . . . .	2\$500
João Pacheco Polonia . . . . .	10\$000
Manoel da Cunha e Silva . . . . .	4\$000
Manoel Gomes Ravazio . . . . .	1\$500
Maria Mendonça Rezendado . . . . .	1\$000
Manoel Pinto Neves . . . . .	500
Antonio Dias de Rezendado . . . . .	500
João Rodrigues Estarreja . . . . .	200
Maria Gracia do Mau . . . . .	100
Antonio Augusto de Abreu . . . . .	2\$500
Anna d'Oliveira Gomes . . . . .	1\$000
D. Anna Candida . . . . .	100
Maria José Riquinha . . . . .	200
José d'Oliveira Gomes Grande . . . . .	1\$000
Bressane Perry . . . . .	2\$500
Somma . . . . .	7:492\$660

(Continúa)

\* Esta subscriptora, tendo prometido sómente 500 réis no acto da subscrição conforme foi publicado, entregou no acto do pagamento mais 1\$000 réis.

## ALFAIATE

Manoel d'Oliveira Paulino participa aos seus estimaveis freguezes e ao publico que mudou para a rua das Figueiras (em frente de S. Lourenço).

## CASA E TERRENO

Vende-se nas Pontes da Senhora da Graça, d'Ovar, aonde existe o estabelecimento do sr. Ludgero Peixoto. Quem pretender dirija-se a José Ferreira Malaquias, dos Campos d'Ovar.

## Imprensa Civilisação

Viuva Lemos & Gonçalves \* \* \* \*  
\* \* \* R. Passos Manoel, 211 a 219  
\* \* \* \* \* PORTO \* \* \* \*  
Trabalhos typographicos \* \* \* \*  
por preços modicos. \* \* \* \*

## Carrelhas & Filho, Suc.<sup>or</sup>

COM  
Armazens de Vinhos,  
Aguardentes,  
Geropigas e Vinagre

PARA  
CONSUMO e EXPORTAÇÃO

## TANOARIA

Commissões  
End. Teleg. — CARRELH

Rua das Figueiras  
OVAR—Portugal

# INDICAÇÕES PARA TODOS

## Commercio

(Noticias da ultima semana)

### CAMBIOS

**No Porto:** valor da libra, ouro, de 5\$285 a 5\$315 réis.  
Valor da libra, papel, de 5\$265 a 5\$295 réis.

**No Brazil:** cambio—15 1/4—/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.  
Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 45 7/16—5\$295 réis.  
Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 33\$890 réis, moeda portugueza.

### Preços dos Generos

No nosso mercado

#### SETUBAL

Arroz: 1.ª qualidade, 15 kilos. 1\$400 réis  
> 2.ª > 15 > 1\$350 >

#### BAIRRADA

> 1.ª qual., 15 kilos. 1\$300 >  
> 2.ª > 15 > 1\$250 >  
> 3.ª > 15 > 1\$200 >

Batatas, 15 kilos . . . . . 400 >

Centeio 20 litros . . . . . 740 >

Fava, 20 litros . . . . . 750 >

Farinha de milho, 20 litros . . . . . 840 >

> trigo, 1.ª qual. kilo. 103 >

> 2.ª > > 93 >

> cabecinha . . . . . 62 >

> semente superfina. > > 40 >

> grossa . . . . . 38 >

Feijão vermelho, 20 litros . . . . . 1\$280 >

> branco, 20 > . . . . . 1\$220 >

> mistura, 20 > . . . . . 960 >

Milho branco, 20 > . . . . . 860 >

> amarello, 20 > . . . . . 760 >

Ovos, duzia . . . . . 140 >

Tremçoço, 20 litros . . . . . 380 >

Azeite, 1.ª qual. litro. . . . . 300 >

> 2.ª > > . . . . . 270 >

> 3.ª > > . . . . . 260 >

Alcool puro, 26 litros. . . . . 6\$500 >

Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$380 >

> bagaceira, 26 litros. 2\$730 >

> figo, 26 litros . . . . . 1\$950 >

Geropiga fina, 26 litros . . . . . 2\$080 >

> baixa, 26 > . . . . . 1\$430 >

Vinho tinto, 26 litros. . . . . 750 >

> branco, 26 > . . . . . 900 >

> verde, 26 > . . . . . 900 >

Vinagre tinto, 26 > . . . . . 700 >

> branco, 26 > . . . . . 900 >

### Pescado

NO FURADOURO

**Companha Boa Esperança**—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 . . . . . 26:297\$300 réis

**Companha do Socorro**—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 . . . . . 16:662\$055 >

**Companha S. José**—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 . . . . . 14:487\$675 >

**Companha S. Pedro**—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 . . . . . 12:272\$325 >

**Companha S. Luiz**—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 . . . . . 7:388\$835 >

NOS CAMPOS

Rendimento de . . . . .

### Matadouro

No mez de  
Rezes abatidas para o consumo:  
Bois, com o pezo de . . . kilos  
Vitelas, > > > >  
Porcos, > > > >

### Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

**Cartas** (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . . 25 réis.  
**idem** (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha. . . 25 réis.

**Jornaes** (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. . . 2 1/2 réis.

**Impressos** (peso maximo 1:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

**Manuscriptos** (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis  
Cada 50 gr. mais ou fracção . . . 5 >

**Amostras sem valor** (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção . . . . . 5 réis

**Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha**

**Cartas**, até 20 gr. . . . . 50 réis  
> cada 20 gr. ou fracção . . . 30 >

**Bilhetes postaes:** cada . . . . . 20 >

**Jornaes e impressos** (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção . . . . . 10 réis

**Jornaes para o Brazil**, cada 50 gr. ou fracção . . . . . 5 réis

**Avisos de recepção**—Cada um. . . 50 réis

**Registo**—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

**Cartas com valor declarado**—Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

**Encomendas postaes**—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

**Valles do correio**—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limit: 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possesões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes tem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

**Telegrammas**—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

### Lei do Sello

**RECIBOS PARTICULARES**

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10  
> 10\$001 > > 50\$000 > . . . 20  
> 50\$001 > > 100\$000 > . . . 30  
> 100\$001 > > 250\$000 > . . . 50  
Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 50  
Valor não conhecido ou declarado. 500  
Cheques ao portador . . . . . 20

**LETRAS DE CAMBIO**

**Sendo á vista e até 8 dias**

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20  
> 20\$001 > > 50\$000 > . . . 50  
> 50\$001 > > 250\$000 > . . . 100  
Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 100

**A mais de 8 dias de praso**

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20  
> 20\$001 > > 40\$000 > . . . 40  
> 40\$001 > > 60\$000 > . . . 60  
> 60\$001 > > 80\$000 > . . . 80  
> 80\$001 > > 100\$000 > . . . 100  
Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 100

**Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal**

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20  
> 20\$001 > > 100\$000 > . . . 100  
Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 100

**Associação dos Bombeiros Voluntarios**  
Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.  
Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

### Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. . . . . 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. . . . . 5 >

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta. . . . . 6 >

Bairro d'Arruela até á Poça. . . . . 7 >

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. . . . . 8 >

Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral. . . . . 9 >

Estação e Pellames. . . . . 10 >

João—Cima de Villa e logares visinhos. . . . . 11 Badaladas  
Ribeira. . . . . 12 >  
Assões—Granja e Guilhovae. . . . . 13 >  
Furadouro. . . . . 14 >  
Para cessar — 3 badaladas.

### Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.  
Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

### Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

### Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.  
Antonio da Silva Brandão Junior.  
Carrelhas & Filho, Successor.  
Manoel Ferreira Dias.  
Manoel Soares Pinto.

### Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

### Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespañol».

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

### Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

### Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo Manoel Valente d'Almeida.

### Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

### Fabricas

A Varina (conservas alimenticias)—Ferreira, Brandão & C.ª, Moagem da Cereaes—Soares Pinto & C.ª, Limitado Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.ª

### Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

### Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro»—Rua de St.ª Anna, «Central»—Rua da Praça, «Cerveira»—Furadouro, «Jeronymo»—Largo do Chafariz, «Nunes Lopes»—Rua dos Campos.

### Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa — Praça, José Garrido—Rua dos Campos.

### Mercearias

Abilio José da Silva—Ponte Nova-Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo —Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira—Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

### Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

### Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

### Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

### Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

## HORARIO DOS COMBOYOS

### DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,26	5	5,10	5,58	8,45
Espinho	6,20	7,27	8	9,29	10,49	2,55	3,40	4,24	5,39	6,15	7,1	9,55
Esmoriz	6,36	7,35	8,16	—	11,2	3,11	—	4,39	—	6,31	7,18	10,4
Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,45	—	6,37	7,24	—
Carvalh.ª	6,48	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,52	—	6,43	7,31	—
OVAR	6,58	7,50	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,2	—	6,53	7,42	10,24
Vallega	—	7,56	—	—	11,29	—	—	—	—	—	7,49	—
Avanca	—	8,1	—	—	11,35	—	—	—	—	—	7,56	—
Aveiro	—	8,37	—	10,5	12,16	—	4,40	—	6,14	—	8,37	11,10

### DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,44	—	—	11,3	2,5	—	—	5,34	—	9,56	10,29
Avanca	4,37	—	—	—	11,42	—	—	—	6,12	—	—	—
Vallega	4,43	—	—	—	11,48	—	—	—	6,17	—	—	—
OVAR	4,51	6,24	7,20	10,20	11,57	—	—	—	6,27	—	—	—
Carvalh.ª	5,2	—	7,31	10,31	12,8	—	—	—	—	—	—	—
Cortegaça	5,7	—	7,36	10,36	12,13	—	—	—	—	—	—	—
Esmoriz	5,13	6,38	7,42	10,42	12,18	—	—	—	—	—	—	—
Espinho	5,30	6,47	7,59	10,59	12,34	—	—	—	—	—	—	—
S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,68	14,7	—	—	—	—	—	—	—